

# MERCADO GANHA NOVOS CONTORNOS

O ano de 1996 é lembrado por dois acontecimentos primordiais no mercado de seguros.

O primeiro refere-se à permissão de empresas estrangeiras operarem no Brasil. Um parecer da Advocacia Geral da União, em resposta à consulta do ministro da Fazenda sobre a possível autorização para o funcionamento de empresa seguradora internacional nos ramos de vida e previdência, apontou inconstitucionalidade da Resolução CNSP nº 14/86. A norma impedia que o capital estrangeiro participasse com mais de 50% ou um terço do total de ações de seguradora nacional. Com o respaldo legal da Advocacia Geral da União (AGU), mais de 20 empresas do exterior entraram no País a partir de junho daquele ano.

O segundo acontecimento foi igualmente impactante: A quebra do monopólio do IRB explícito na Emenda nº 13 feita à Constituição federal, dando nova redação ao artigo 192, item II,

da Carta Magna. A Lei Complementar nº 126/07 e suas regulamentações posteriores completaram o processo de abertura do mercado de resseguro. Na época, pouco se conhecia do mercado internacional. Então o mentor Nelson Fontana (gestão 1996-1998) tomou uma iniciativa ousada, porém providencial: realizou uma série de viagens à Europa com os colegas do Clube para conhecerem o funcionamento do setor. Aos mais próximos, Fontana confiava a importância de incursões como aquelas no “Velho Mundo”.

No início do segundo milênio, o Brasil prosperou a reboque do crescimento excepcional dos países do primeiro-mundo. Isso até 2005. Os reflexos foram notáveis no desempenho da economia, permitindo que, entre 2003 e 2008, a produção da indústria de seguros saltasse de R\$ 14 bilhões para R\$ 96 bilhões – participação de 3,3% no Produto Interno Bruto. Em 2009, porém, o país sofre os efeitos da crise econômica originada da chamada

bolha imobiliária norte-americana. Mas o mercado de seguros nacional continua crescendo, apesar da crise, o que não deixou de surpreender os economistas.

Entre 2008 e 2010, o setor passou por um período de mudanças. Além da abertura do mercado de resseguro e a chegada de competidores estrangeiros, dois outros fenômenos como a forte expansão de crédito e o processo de inclusão social ampliaram o mercado interno e abriram novas perspectivas. A classe “C” chega ao paraíso das compras, projetando essa categoria de consumidores como potenciais compradores de seguros com apelo popular. Temas relacionados a esses acontecimentos e outros palpitantes foram objeto de vários debates promovidos pelo Clube dos Corretores de

Seguros de São Paulo, desde as duas gestões de Boris Ber (2004-2006 e 2006-2008). O ano de 2012, por exemplo, foi rico em temas na mentoria de Alexandre Camillo (2012-2013), prosseguindo inclusive no mandato de Adivaldo Calegari (2014/2016 e 2016/2018).

Em 10 de outubro de 2013, destaque para a homenagem prestada pela Câmara Municipal de São Paulo pelos 40 anos do Clube. Durante o evento, iniciativa do vereador Floriano Pesaro (PSDB), o CCS-SP recebeu a Salva de Prata, a mais alta honraria concedida pelo Poder Municipal. O mentor do CCS-SP, Alexandre Camillo, destacou o momento como “único para os corretores de seguros” tanto pela homenagem à entidade como aos profissionais da categoria. “Considerando

o passado histórico do Clube e os motivos de sua fundação, não poderia haver melhor lugar para essa homenagem do que este ambiente que representa legitimamente a democracia plena”, disse.

No ano seguinte, em 7 de outubro de 2014, a entidade celebrou com os associados 42 anos de existência da entidade em um almoço especial. “O Clube possui uma trajetória de luta, com muita garra, e esta ocasião não poderia passar sem uma comemoração”, disse o mentor Adivaldo Calegari, convidando, em seguida, sua diretoria e os ex-mentores para sobrem as velinhas do bolo de aniversário. Dois temas de interesse marcaram a data festiva: a autorregulação e o Simples Nacional.



AntrankPhotos

Mentor do CCS-SP, Alexandre Camillo, exhibe a Salva de Prata, iniciativa do vereador Floriano Pesaro (PSDB)